

# ANTÔNIO GRAMSCI E A EDUCAÇÃO

GAGNO, Roberta Ravaglio

SME – Curitiba, FARESC

[rsravaglio@hotmail.com](mailto:rsravaglio@hotmail.com)

FURTADO, Andréa Gracia

SME – Curitiba, FARESC

[agf\\_andrea@yahoo.com.br](mailto:agf_andrea@yahoo.com.br)

Resumo: O texto em questão advém de uma pesquisa já concluída a respeito dos processos de participação política e da construção para a democracia. Encontrou-se em Gramsci importante referencial teórico para a discussão dessas questões, bem como a discussão de conceitos como hegemonia, cultura e a formação de intelectuais/dirigentes. Esse artigo demonstra a concepção da escola a partir de pressupostos de Antônio Gramsci e seu papel na construção de uma nova cultura. Conclui-se mostrando alguns caminhos e reflexões que a escola pode realizar no sentido de formar dirigentes, capazes de participar das decisões políticas de sua escola e de seu país.

Palavras-chave: educação, formação, Gramsci

Eixo Temático: Educação e Movimentos Populares

## 1. A Educação

Antônio Gramsci demonstrou interesse pela educação em vários escritos e em diferentes momentos de sua vida, não só com referência à educação de seus filhos, mas também à educação das massas e da humanidade, situação essa que será tratada a seguir.

Para Gramsci, é a política que determina a educação. De acordo com SCHELESENER (2007c, p. 69),

A questão da educação é um desdobramento da teoria política e não uma simples teoria pedagógica; implica a compreensão da organização cultural de um determinado país em um específico momento histórico, a formação das concepções de mundo que orientam a vida dessa sociedade, a atividade das instituições culturais como a igreja, os jornais e toda a estrutura editorial e, nesse contexto, a estrutura do sistema escolar, tanto o público quanto o privado.

A educação precede a escola, mas tanto uma quanto a outra estão imersas em um conjunto de relações sociais interligadas, que não podem ser consideradas

separadamente. É necessário entender os mecanismos e as relações de poder no interior das instituições e entre elas, explicitando uma dimensão política na educação e desvelando a direção da hegemonia. Para que esse arcabouço teórico seja adquirido pelas massas, Gramsci acentua o papel dos dirigentes. Com tal objetivo, ele abordou primeiramente a educação fora da escola, uma educação voltada para os trabalhadores, por meio de publicações em revistas e jornais.

Para BROCCOLI (1979, p. 24), a educação produz as influências “... *de una activid política entendida como compromiso moral y cultural al mismo tiempo*”. Um dos exemplos dessa preocupação é encontrado em Cadernos do Cárcere, escrito por meio do qual descreve uma entrevista com Antonio Labriola; nele, este é indagado a respeito de como educaria um aborígene papuano, e Labriola respondeu que o faria escravo, mudando talvez sua conduta apenas com seus descendentes. E GRAMSCI (2004a) retruca afirmando que, para que um escravo se torne um homem, ele deve ser tratado sempre como um homem e não como um escravo.

A contribuição de Gramsci está em acentuar que o homem é o processo de seus atos, isto é, conhece-se à medida que interage com os outros e com o ambiente, de modo que todas as suas ações têm um significado político. Nesse contexto, é possível pensar na formação humana evitando duas concepções opostas, quais sejam: a redução do indivíduo como mero produto passivo do meio e a de um intelectual compreendido de maneira isolada.

Na escola para Gramsci ocorre um trabalho sólido de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca que nascerá a possibilidade da organização para uma nova sociedade aparece, nesse sentido, como agente de formação dos dirigentes, ou seja:

A escola é o instrumento para elaborar os dirigentes de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a área escolar... tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização... (GRAMSCI, 1968a, p.9)

Nessa perspectiva, a escola integra-se a um conjunto de outras instituições que desempenham, para as classes trabalhadoras, a função de elaborar uma nova cultura, como os partidos políticos, as associações de cultura, a religião, o trabalho, os jornais e também a escola por correspondência, por ele inventada na época em que esteve no exílio. Dessa forma, a construção do conhecimento não ocorre apenas na escola, mas

recebe inúmeras contribuições: do partido, da igreja, dos movimentos etc. São as ambiências culturais que propiciam experiências, visões de mundo e práticas que resultam em interações, posições e relacionamentos.

Com isso, a educação não ficaria limitada aos bancos escolares e sim deveria se expandir para toda a sociedade, sem distinção. É essencial a formação de um ser político com a capacidade de transformar e dirigir outros homens conscientemente, realizando sua natureza humana.

Para GRAMSCI (2004a), em *Cadernos do Cárcere*, a construção da força permanente e organizada é um elemento decisivo na conquista da hegemonia. Essa tarefa deve ser realizada de modo contínuo, persistente, sistemático e paciente, de forma a torná-la homogênea e consciente de si. A escola pode exercer um importante papel nesse sentido.

GRAMSCI (1968a) defendia a criação de uma “escola humanística”, que desenvolvesse a inteligência, a vontade, a formação consciente, enfim, uma escola livre, para conquistar a liberdade.

Ou seja, um local onde os trabalhadores pudessem receber orientações culturais e de luta, que indicasse novos caminhos históricos, que realizasse o elo entre teoria e prática, que desenvolvesse os valores morais, enfim que mostrasse como é o ambiente verdadeiramente, sem elementos dogmáticos, onde os indivíduos pudessem aprender de forma lenta com os erros, contradições e acertos, como meio de recuperar-se para compreender o caminho e alcançar o conhecimento atual. Nesse local os indivíduos se habituariam à investigação, à leitura com disciplina, ao método e à exposição de suas convicções, visto que o aluno provém da sua interação com a sociedade sem, no entanto, deixar de lado a individualidade.

No artigo “Democracia Operária”, publicado no *L’Ordine Nuovo*, no ano de 1919, Gramsci afirma a necessidade de uma disciplina e responsabilidade permanentes, de forma a potencializar a classe operária para que se eduque e adquira uma consciência responsável dos deveres que competem às classes que conquistam o poder.

Do mesmo modo, a escola do trabalho deveria emancipar, construir e organizar, articulando conhecimentos técnicos, científicos e culturais, atitude que significaria um “ato de libertação”. Esse autor destacava a necessidade da mobilização da classe operária em função de organizar o conhecimento, por meio de sindicatos, escolas, ou partidos. Para ele, a educação é um processo permanente e contínuo.

A relação educativa explicada por BROCCOLI (1979) aparece não apenas como a transmissão de uma dada cultura, mas, sobretudo, de uma cultura que está imersa na historicidade e na consciência dessa historicidade pelo indivíduo, de forma a promover a união entre a teoria e a prática. Essas orientações visam a promover a formação de um intelectual diretamente ligado às massas. Formar dirigentes para dar a todos a possibilidade de serem dirigentes exige a mudança tanto da escola quanto da atitude do professor; para que ele possa despertar a consciência nestes indivíduos, é essencial conhecer seu universo, sua história, partir da realidade enfrentada por esses alunos, sem deixar de lado a autonomia e a liberdade de cada um.

GRAMSCI (1968b) destaca que, para a história viva, o julgamento é a ação. Para tanto, é preciso conhecer, ou seja, saber todas as coisas que estão ao alcance, questionando o conhecimento abstrato, conforme se pode ler a respeito:

Mas o que se entende por “conhecer”? Conhecimento livresco, estatístico, “erudição” mecânica – conhecimento histórico – intuição, contato real com a realidade viva e em movimento, capacidade de “simpatizar” psicologicamente até com o homem indivíduo. “Limites do conhecimento (não são coisas inúteis), isto é, conhecimento crítico, ou do “necessário”: portanto, uma “concepção geral” crítica. (ibidem, p. 187)

Ou seja, é imprescindível que não se valorize um conhecimento apenas “livresco” ou “mecânico”, mas sim um conhecimento histórico a partir de olhares e concepções críticas. Torna-se importante fazer a relação entre a teoria e a prática na aquisição desse conhecimento histórico, com vistas a trabalhar as contradições existentes e compreendê-las.

Para que possa atuar na sociedade na qual está inserido, o indivíduo deve ter esse entendimento impregnado nas suas ações como forma de desvelar mecanismos de poder que envolvem a sociedade. Para tanto, precisa desenvolver uma consciência social, compreendendo-a enquanto conquista coletiva, teórica, histórica e, a partir dessa consciência, ter clara a concepção e o grau de participação do indivíduo nesse coletivo; isso só era possível por meio da educação. GRAMSCI (2004b, v.2, p.143) acentua a importância de toda e qualquer espécie de formação, quando diz:

Queremos que todos disponham, de igual modo, dos meios necessários para educar a própria inteligência, para dar a toda a coletividade os maiores frutos possíveis do saber, da pesquisa científica, da fantasia que cria a beleza na poesia, na escultura, em todas as artes.

É importante que todas as pessoas, independentemente da classe na qual estão inseridas, possam ter o mesmo tipo de acesso e qualidade na educação que recebem. O acesso igualitário à formação política e cultural fortalece as classes populares, que angariam condições na luta pela conquista de seus direitos e interesses. Com isso, este grupo compreende os mecanismos utilizados pelas classes dominantes como forma de manter seu domínio. O controle ou o conhecimento dos elementos culturais, ou seja, o domínio desses elementos é essencial para garantir a participação política das massas

A escola gramsciana deve formar dirigentes, segundo Broccoli (1979), homens que passam da técnica/trabalho para a técnica/ciência, em consequência de uma concepção humanística e histórica.

Gramsci revela que o homem é um ser político e deve adquirir a consciência dessas relações sociais que estabelece; tal posição consiste em que o homem seja preparado prática e teoricamente.

Uma das maneiras de se adquirir essa consciência é por meio da formação escolar, que exige método e disciplina, uma tarefa cultural e política que deve ser desenvolvida de forma dinâmica, ativa, demonstrando clareza e tendo como princípio a consciência do homem individual, porém coletivo e histórico. Para que essa consciência seja efetivada, é necessária a participação de todos por meio de uma renovação da estrutura política e da escola democrática. Retomando as palavras de GRAMSCI (1968a, p.9), “uma quantidade” de estudo, que desemboca em uma “qualidade”, na libertação e no processo de emancipação. É nesse sentido que a educação se faz indispensável ao possibilitar a promoção do sujeito autônomo, crítico e, conseqüentemente, preparado para a participação política. Um sujeito capaz de auxiliar na construção de uma sociedade e de decidir sobre seu destino por meio do pensar livre.

Nessa perspectiva, o homem não pode ser percebido isoladamente, mas a formação deve ser baseada na relação entre indivíduo e ambiente. Para uma nova compreensão da sua relação com a sociedade e a natureza, a fim de dominá-la, os projetos educativos são inseparáveis de atividades políticas. (Idem)

Evidencia-se em Gramsci a função da educação para as classes subalternas: formar dirigentes e organizar sua cultura, retirando-os do senso comum e inserindo-os em uma visão de mundo dialética, filosófica, social, científica e histórica, para formar uma nova civilização, ou seja, proporcionar uma “reforma intelectual e moral”, relacionando teoria e prática. Portanto, um novo Estado que garantiria a igualdade a todos. Dessa forma, significa

...trabalhar pela elaboração de uma elite, mas este trabalho não pode ser apartado do trabalho de educar grandes massas, pelo contrário, as duas atividades são na realidade uma só (...) trata-se em síntese, de se produzir uma Reforma e um Renascimento contemporaneamente. (GRAMSCI, 2004a, p.247, 248)

## **2. A Cultura**

A cultura é “organização, disciplina interior”, conhecimento de si, percepção de uma consciência superior, pelo qual se compreende seu valor histórico, a função da vida, os direitos e deveres. (GRAMSCI, s/d). São visões que estão interligadas no entorno, que propiciam ao homem relacionar-se com a natureza pelo trabalho. São as revoluções e o desenvolvimento histórico global vivenciados por ele que o tornam fruto dessas relações. Portanto, o homem transforma-se e é transformado continuamente no decorrer de suas relações, necessárias e voluntárias, que são o “processo de seus atos”. (GRAMSCI, 2004a)

A cultura é um bem universal que inclui as dimensões política e econômica da sociedade; ela é considerada unitária quando proporciona a compreensão das relações contraditórias da realidade, com vistas a criticá-las e superá-las. A cultura é, entretanto, percebida por Gramsci como sendo dirigida por uma elite, numa estrutura hierarquicamente montada e permeando o senso comum de grande parte da população. Nesses termos, o que se torna importante é permitir uma formação do indivíduo por meio de uma reforma cultural, em que uma das possibilidades de sua efetivação seria a partir da organização política dos trabalhadores, relacionando teoria e prática.

No sentido gramsciano, a cultura produzida e reproduzida por meio da organização política deve ser passada para as gerações futuras, como ideal educativo, pois é um modo de perceber a realidade por um povo. Um modo de vida inserido na sociedade que internamente proporciona uma luta entre os diferentes projetos políticos que objetivam a condução da sociedade e permite um movimento de formação de classe. É uma função estratégica da política na perspectiva de tornar uma classe hegemônica.

A esse propósito, para GRAMSCI (2004a), criar uma nova cultura significa propagar verdades já existentes e socializá-las, a fim de torná-las a base para atuações conscientes e críticas. Assim segue o pensamento dele:

[...] a filosofia da práxis não tende a resolver pacificamente as contradições existentes na história e na sociedade, mas é a própria história de tais contradições; não é o governo de grupos dominantes para ter o consenso e exercer a hegemonia sobre as classes subalternas; mas é a expressão destas classes que querem educar a si mesmas para a arte do governo e têm interesse em conhecer todas as verdades, também as desagradáveis, e evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e até de si mesma. (ibidem, p.388)

Retoma-se o pensamento historicamente produzido e reinterpretado considerando novas determinações sociais, o que implica pensar a teoria na relação com a prática, vinculando, de maneira inseparável, prática política, formação, luta cultural e conhecimento histórico, sem deixar-se influenciar pelas idéias de uma minoria que se utiliza dessa cultura para manter a hegemonia.

Dessa forma, a participação e a ação transformadora da escola para esclarecer como se dão os problemas sociais e as relações que são estabelecidas a partir de determinadas posições são essenciais para a constituição da consciência política, bem como a formação de professores para tal tarefa, que também pertence a esses profissionais.

Essas relações que se fazem no interior da escola podem auxiliar no processo de formação política, funcionando como uma inserção no mundo da participação e na busca constante por direitos e acesso a bens culturais e materiais. A gestão da escola, compartilhada por toda a comunidade educativa, funciona como esclarecedora desses processos que ocorrem na sociedade e como formadora de opiniões, objetivando desvelar as relações de poder instituídas na sociedade, além de formar o hábito de participar nas decisões.

### **3. Conclusão**

A prática da liberdade se produz na consciência crítica e na compreensão histórica, que permite atuar e decidir. É por meio da escola, ao incorporar e desvelar o cotidiano, dentro de uma compreensão de totalidade, que o aluno agrega condições de tornar-se ativo frente ao domínio, e, ao superar o individualismo, consegue lutar com vistas a sair da relação de dominação e de desenvolver uma consciência pautada no real.

Essa formação, enquanto processo histórico e social, funda-se em sua relação com o ambiente e no conjunto de relações sociais, por meio de instituições, de organismos sociais e na mediação do trabalho.

Não se trata de formar lideranças para serem depois cooptadas no contexto da

hegemonia dominante, mas sim de possibilitar aos filhos dos trabalhadores os instrumentos de formação para a construção de novas relações hegemônicas, de quebra do domínio ideológico que mantém as classes subalternas passivas e de compreensão das relações existentes.

De acordo com SCHELESENER (2006, p. 111), “[...] o poder não se encontra unicamente no Estado, mas permeia todas as relações sociais [...] se exerce como dominação econômica e direção política e cultural da sociedade [...]” Portanto, questionar e superar essas correspondências exige compreensão das relações, assim como exige o repensar e redefinir o papel do Estado, de forma a garantir, por meio de políticas públicas, uma escola com qualidade política. Esse processo é de longo prazo, mas a formação de novos hábitos e de um novo comportamento, depois de consolidados, também são duradouros.

É necessário que haja uma qualidade política, cognitiva e operativa no processo de aprendizagem e no processo de desalienação propiciado aos estudantes em condições reais, de forma a conduzir a um preparo para o exercício da cidadania, na busca de um projeto de emancipação política e no desenvolvimento da autonomia e da identidade. Tal identidade tem suas bases na coletividade e no social. A renovação dos pressupostos teóricos do projeto poderá permitir ao professor formar opiniões e uma consciência crítica e reflexiva, incentivando a construção de uma nova concepção de mundo, desvelando relações presentes no cotidiano, fazendo a crítica ao neoliberalismo, na busca da ressignificação de uma democracia solidária, com vistas à superação da fragmentação, do individualismo e do senso comum.

Nesse sentido, torna-se essencial uma reflexão, por parte dos professores em conjunto com os estudantes, sobre a realidade que está posta para a grande maioria da população; nela se apregoa a separação vigorosa e imutável entre governantes e governados. Trata-se de algo natural ou é uma posição a ser questionada e de reflexão?

A escola deve auxiliar nesse processo ao confrontar essas contradições e refletir sobre essa ação. Deve abordar o assunto de forma didática, fornecendo instrumentos aos seus estudantes, promovendo o desvelamento dos aspectos dessa realidade de forma crítica, histórica, cultural, científica e filosófica, superando o senso comum. A escola é o local de questionamentos sobre essas divisões sociais, históricas, culturais; ao promover um debate efetivo, ela promove o desenvolvimento da visão crítica e a formação para a

participação nas instâncias políticas democráticas. Ocorre uma mediação entre a concepção de mundo e a vida; além disso, desenvolve-se um pensar autônomo.

Ou seja, de acordo com a concepção gramsciana (2004a), é a manifestação de uma prática de organização das classes subalternas questionando as relações capitalistas em que as comunidades estão imersas. É a conquista cultural e gradativa de uma hegemonia baseada em relações democráticas, valorizando a sociedade civil e favorecendo a passagem de dirigidos a dirigentes.

Enfim, existe a necessidade de a escola fornecer diversos subsídios de forma a proporcionar a análise das relações e contradições sociais por meio de subsídios conceituais e práticos. E isso só será possível a partir do momento em que o acesso ao conhecimento produzido historicamente levar à superação do senso comum e à compreensão dos processos nos quais os estudantes estão inseridos.

#### **4. Referências Bibliográficas**

BROCCOLI, A. Antonio Gramsci y la Educación como hegemonia. México. Nueva Imagem, 1979.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Volumes 1, 2, 3, 4, 5, 6. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Os Dirigentes e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968a.

\_\_\_\_\_. *Democracia Operária*. IN: <http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1919/06/21.htm>. Acesso em 08 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. *Escritos Políticos*. V.1 e 2. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b

\_\_\_\_\_. *Escritos Políticos*, Lisboa: Seara Nova, s/d.

\_\_\_\_\_. *Maquiavel A Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

SCHLESENER, A. *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007c.